



“ANJOS DE ASAS LEVES”: AS CRÔNICAS DE MARIA LYSIA CORRÊA DE ARAÚJO

“ANGELS OF LIGHT WINGS”: THE CHRONICLES OF MARIA LYSIA CORRÊA DE ARAÚJO

Heleniara Amorim Moura¹

Resumo: A maior parte das crônicas de Maria Lysia Corrêa de Araújo foi composta nas décadas de 1950 e 1960 e publicada em revistas como *A Alterosa* e *O Cruzeiro* e nos jornais mineiros *Estado de Minas*, *Minas Gerais* e *Diário de Minas*; além desses textos figurarem também em diários paulistas como o *Estado de São Paulo* e *O Correio Paulistano*. A escritora foi uma cronista habilidosa em textos do gênero curto cuja matéria-prima era colhida nos resíduos do cotidiano. Essas crônicas, “Anjos de Asas Leves”, metáfora da escritora para sua literatura, apresentam uma reflexão profunda acerca da sociedade, numa linguagem intensa e subjetiva construída pela sensibilidade da cronista. A variabilidade de assuntos que compõem os textos impressiona pelos olhares de tempos e espacialidades diversas, percorrendo o acontecer da vida cotidiana através de atmosferas e intimidades de seu olhar, num convite direcionado ao leitor, para o compartilhamento de passagens de textos, épocas e lugares. Assim, a composição de sua obra passa por uma singularidade que ao mesmo tempo é composta por tradições e rupturas, lugares e não-lugares, influências e inovações, lembranças e esquecimentos. Em seu universo literário, rastros autobiográficos confundem-se ao mundo ficcional, esgarçando a fronteira tênue que separa a memória e a imaginação.

Palavras-chave: Maria Lysia Corrêa de Araújo; Crônicas; Literatura Brasileira.

¹ IFMG – Campus Ouro Branco. E-mail: heleniara.moura@ifmg.edu.br.

Abstract: Most chronicles by Maria Lysia Corrêa de Araújo were written in the 1950s and 1960s and published in magazines such as *A Alterosa* and *O Cruzeiro*, and in newspapers from Minas Gerais state like *Estado de Minas* and *Diário de Minas*. Her texts also appeared in papers from São Paulo state like *O Estado de São Paulo* and *O Correio Paulistano*. The writer was a skilled chronicler in texts of the short genre whose raw material was collected in the residues of daily life. These chronicles, "Angels of Light Wings", the writer's metaphor for her literature, present a deep reflection upon society, in an intense and subjective language built by her sensitiveness. The variability of topics that comprise the texts impresses by the looks of diverse different times and spatialities, traversing the happening of everyday life going through the everyday life through atmospheres and intimacies of her gaze, in an invitation directed to the reader, to share text strings, times and places. Thus, the composition of her work passes through a singularity that at the same time is composed by traditions and ruptures, places and no-places, influences and innovations, memories and forgetfulness. In her literary universe, autobiographical traces get confused to the fictional world, tearing the tenuous border that separates memory and imagination.

Keywords: *Maria Lysia Corrêa de Araújo*; *Chronicles*; *Brazilian literature*.

A atriz e escritora mineira Maria Lysia Corrêa de Araújo (1921-2012) produziu uma literatura diversificada, apresentando um conjunto de composição literária em variados gêneros como o drama, a crítica teatral, a crônica, o romance e o conto. Como atriz, esteve presente em montagens expressivas à época, sendo premiada pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Em sua vida artística, Lysia de Araújo (como era conhecida no meio teatral) itinerou por várias cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte, participando de grupos teatrais importantes como o Arena, o Oficina, a Cia Maria-Della Costa, a Cia. Tônia-Autran, entre outros, além de trabalhar com diretores como José Celso Martinez, Augusto Boal e Alfredo Mesquita.

Em janeiro de 2012, após o falecimento de Lysia de Araújo, o espólio intelectual da artista foi doado por sua sobrinha Myriam Corrêa de Araújo Ávila aos *Acervos Teatrais* da Universidade Federal de São João del-Rei, e encontram-se, hoje, sob guarda do GPAC (Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas), grupo de pesquisas da referida universidade. Em parceria com o GPAC, iniciou-se, em agosto de 2017, no Instituto Federal de Minas Gerais (Campus Ouro Branco), o projeto *Corpos Escritos, Corpos Digitais, Corpos Cênicos: A Memória viva dos Acervos Teatrais*² que tem por objetivos organizar o espólio intelectual doado pela família da artista em 2012 e realizar a digitalização de parte da documentação, em especial, os datiloscritos de suas obras. A relevância

² O referido trabalho é continuidade de pesquisa iniciada na tese de doutorado *Passagens da memória: ensaio biográfico sobre a artista Lysia de Araújo*, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais em 2015.

do projeto está na necessária conservação de documentos históricos nas instituições públicas, sobretudo na organização desses acervos e manutenção da memória cultural do país. Entre os documentos, as crônicas publicadas pela escritora totalizam recortes de periódicos variados que estão em fase de organização.

A maior parte das crônicas de Maria Lysia Corrêa de Araújo foi composta nas décadas de 1950 e 1960 e publicada em revistas como a *Alterosa* e *O Cruzeiro* e nos jornais mineiros *Estado de Minas*, *Minas Gerais* e *Diário de Minas*, além desses textos figurarem também em diários paulistas como o *Estado de São Paulo*, o *Correio Paulistano* e o *Estadão*. A escritora foi uma cronista habilidosa em textos do gênero curto cuja matéria-prima era colhida nos resíduos do cotidiano. Essas crônicas, “anjos de asas leves”, metáfora da escritora para o gênero, apresentam uma reflexão profunda acerca da sociedade, numa linguagem intensa e subjetiva produzida pela sensibilidade da cronista. A variabilidade de assuntos que compõe os textos da escritora impressiona pelos diferentes olhares de tempos e espacialidades: reportagens lidas em revistas, histórias de amor, um manual de cuidados com flores, a construção de Brasília, a leitura de livros, a lembrança de um professor, a contemplação da lua, as horas angustiantes da insônia, a ternura dos cacauzeiros, as notícias dos jornais, a morte do irmão, etc. Impressiona também o número de crônicas: mais de sessenta textos publicados, em um período de quase três décadas. À época, o painel editorial também apresentava um momento mais favorável à publicação de escritoras. Como ressalta Constância Lima Duarte:

Após a década de 30, os periódicos dirigidos por mulheres parecem escassear. Ao mesmo tempo, é preciso lembrar, as redações dos grandes jornais começam a aceitar as publicações femininas sem maiores dificuldades, e praticamente todas as nossas escritoras iniciam desta forma sua carreira literária (DUARTE, 1999, p. 430).

Com Maria Lysia Corrêa de Araújo não foi diferente: a composição e divulgação de sua literatura iniciam-se nas publicações de seus textos (tanto contos, como crônicas) em jornais e revistas. As temáticas de suas crônicas revelam o acontecer da vida cotidiana através de atmosferas e intimidades de seu olhar, num convite direcionado ao leitor, para o compartilhamento de passagens de textos, épocas e lugares. Essa possibilidade aponta para a análise de um produto literário que é fruto de uma escrita cuja autoria foi construída numa vida constantemente em trânsito, quando a escritora residiu em centros culturais diversos nas cidades de Recife, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de

Janeiro. A composição de sua obra passa por uma singularidade que ao mesmo tempo é composta por tradições e rupturas, lugares e não-lugares, influências e inovações, lembranças e esquecimentos. Em seu universo literário, rastros autobiográficos confundem-se ao mundo ficcional, esgarçando a fronteira tênue que separa a memória e a imaginação.

É importante salientar que a compreensão de sua escrita passa também por sua formação, pois foi dentro de uma família letrada e sensível à literatura e a outras artes que Maria Lysia Corrêa de Araújo constituiu seu universo autobiográfico e ficcional. A escritora era filha da professora mineira Josefina Rios de Araújo e do advogado pernambucano Lafaiete Corrêa de Araújo. Nas palavras da Laís de Araújo, irmã de Maria Lysia, a mãe, recém-formada na Escola Normal, impôs ao marido, “para casar-se, continuar no exercício da profissão de professora, à qual tinha devoção natural” (ARAÚJO, 2002, p. 27-28). Josefina Rios deixa entrever em carta de 18 de julho de 1928 não apenas os cuidados com sua “meninada” que não era “bem correta”³, como também as vicissitudes vividas pela atividade como professora, função que tomava seu tempo e a cansava muito. Lembremos que, nesse período, como destaca a estudiosa Guacira Lopes Louro:

O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representado como filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação à qual acorreriam aquelas jovens que tivessem vocação (LOURO, 2002, p. 451).

Embora atribulada por uma jornada de trabalho extenuante, Josefina deixou importantes ensinamentos a seus filhos como o gosto pelos livros e pela música. Maria Lysia, como a mãe, foi exímia pianista, participando de grupos de estudos de música. Segundo Myriam Ávila, a escritora era “grande frequentadora de concertos (estudou piano desde a adolescência até os últimos meses de vida)” (ÁVILA, 2012). Quando Josefina Rios veio a falecer prematuramente no já referido ano de 1928, a mulher comum do interior de Minas Gerais deixou uma família com mulheres que viriam a ser incomuns em sua época. Nas palavras de Virgínia Woolf:

É da mulher comum que a incomum depende. Apenas quando soubermos quais eram as condições de vida da mulher comum – o número de filhos que teve, se o dinheiro de que dispunha era seu, se tinha um quarto para ela, se contava com a ajuda para cuidar da família, se tinha empregadas, se parte do trabalho doméstico era tarefa dela, apenas quando pudermos avaliar o modo de vida dela e as

³ Carta de Josefina Rios de Araújo à amiga Mariquinhas em 15 de julho de 1928.

experiências da vida tornados possíveis para a mulher comum é que poderemos explicar o sucesso ou o fracasso de uma mulher incomum como escritora (WOOLF, 2014, p. 270-271).

Após a morte da mãe, Maria Lysia e seus sete irmãos: Djalma, Cícero, Plácido, Leonardo, Zilah, Laís e Leda ficaram “sob cuidados do pai viúvo, sobrecarregado com as tarefas de provedor e mãe, extremamente voltado para sua família” (ARAÚJO, 2002, p. 28), segundo a poeta Laís Corrêa de Araújo. As lembranças dessa época encontram-se dispersas em contos, crônicas e depoimentos de Maria Lysia. Em entrevista, a escritora lembrou-se vivamente do nome da rua em que morou durante sua infância: Rua São Francisco, hoje, Rua Balbino Cunha, logradouro próximo à Igreja São Francisco. Em uma pequena biografia datiloscrita em seu acervo pessoal, assim Maria Lysia descreve sua família e a infância vivida no interior de Minas:

Sou filha de Lafayette Corrêa de Araújo, pernambucano e Josefina Rios de Araújo, mineira, dos quais herdamos o gosto pelas letras. Ambos eram professores; ele, advogado de renome em São João, poeta ocasional, deixou, entre vários trabalhos literários e jurídicos publicados esparsamente, um livro sobre “Análise Lógica” e outro sobre a crase, obras didáticas em que reuniu sua prática de ensino. Vivíamos rodeados de livros e minha mãe, que gostava de desenhar e de música (tocava piano e flauta), levou os filhos a se acostumarem desde cedo com as artes. Minha saudosa irmã Zilah estudou violino, meu irmão Leonardo piano, e assim nós outros sempre tivemos contato, ainda que não metódico, com a música. Ler era um hábito normal, diário, quase um vício. Assim se fez a minha biografia, numa família de classe média, em que a herança latifundiária de Pernambuco pesou menos que os pendores para o sonho...⁴

As lembranças nostálgicas da infância retornam nas crônicas de Maria Lysia de maneiras diversas. “Houve um tempo em que eu não podia ver a chuva. Ela trazia infância e com ela uma sentimentalidade quase piegas. Tudo voltava. Sinos, pés descalços, enxurradas, barcos de papel, igrejas, São João del-Rei, meninice” (ARAÚJO, 1956). Quando infortunadamente o pai também veio a falecer aos 46 anos de idade em 1935, a família passou por momentos angustiantes. Após a morte do pai, a poeta Laís C. de Araújo remete a essa época como um tempo duro e doloroso: “houve desde então o peso da miséria sobre nós, os oito menores restando do clã” (ARAÚJO, 2002, p. 28).

E a mesma São João del-Rei de boas lembranças passa a condensar imagens de angústia e sofrimento. “Da casa patriarcal da rua São Francisco 36

⁴ Datiloscrito de uma das cinco entrevistas transcritas pela escritora para jornais e revistas. Não possuem data ou indicação de destino.

(hoje rua Balduino de Almeida)⁵, a herança que havia desapareceu (...). Distribuídos os filhos do Dr. Lafayette entre tios, [viveram] por um ano em diversos lugares” (ARAÚJO, 2002, p. 28). Maria Lysia, à época com 14 anos, permaneceu com conhecidos em São João del-Rei, provavelmente, para terminar os estudos. Depois desse momento nebuloso, as coisas se amainaram quando a irmã Zilah de Araújo conseguiu reunir os irmãos na cidade que será o refúgio seguro da vida de Maria Lysia, tanto nos tempos da maturidade, quanto nos tempos da juventude: a Docecap de suas crônicas - Belo Horizonte.

Nos anos 1930, a cidade viveu sua fase de Capital jovem. Nas palavras de Lysia de Araújo na crônica “Docecap” de 1960, “no princípio era a Novacap com sua decantada arquitetura, o arrojo dos edifícios, a beleza do planalto, horizonte largo, imenso” (ARAÚJO, 1960). Em meados da referida década, em uma Belo Horizonte de crescimento desordenado e de grande especulação imobiliária, a família Corrêa de Araújo estabeleceu-se com grande dificuldade. Acerca dessa época, assim relata Laís Corrêa de Araújo:

Do espólio de bens paternos, sobrara-nos apenas uma máquina de escrever Remington, uma penca de livros da biblioteca de meu pai, um rádio, o violino de Zilah, uma caixa de ébano com as joias da família, e um quadro negro. Como o barracão da Rua Timbiras tinha um terreno grande na frente, com duas enormes mangueiras, meu irmão Leonardo instalou aí seu “curso de datilografia” e dava também aulas de reforço escolar, de português. O orçamento era pequeno para essa república de órfãos e, por algum tempo, *comemos joias*, que Zilah ia penhorando gradativamente na Caixa Econômica e nunca podia resgatar. Nossa moradia era então decorada com lemas pregados nas paredes. “Um por todos e todos por um”, tirado do livro *Os três mosqueteiros* – “saber não ocupa lugar”, ditado popular, e outros, sendo o principal, lido e repetido, o seguinte: “Não temos heranças, só temos cabeças” (ARAÚJO, 2002, p. 29).

A raiz familiar Corrêa de Araújo teve, assim, como base, mulheres como Josefina Rios e Zilah de Araújo, que muito jovens assumiram os papéis centrais dentro de suas famílias. A amizade advinda dessa união possibilitada, especialmente, pela irmã mais velha Zilah de Araújo resultou na construção de valores sólidos: honestidade, caridade, amor, fraternidade, coragem; além de deixar uma herança pautada no conhecimento: literatura, arte, filosofia, línguas diversas – saberes constituídos a partir de enciclopédias, compêndios, livros de

⁵ Nesse ponto, os depoimentos das irmãs Lysia de Araújo divergem: Lysia referiu-se na entrevista de 24 de junho de 2009 à Rua Balbino Cunha, que ainda existe e está localizada exatamente ao lado da Igreja São Francisco. Laís, no depoimento, refere-se à rua com outro nome. O logradouro consta no atestado de óbito de Lafaiete Corrêa de Araújo, que faleceu em sua residência: Rua Balbino Cunha, s/n.

história da arte, mitologia. Os irmãos Araújo faziam das bibliotecas espaços de presença constante, nos quais adquiriram um cabedal intelectual que os transformou em grandes escritores, poetas, jornalistas e tradutores, profissões herdadas pelos filhos, sobrinhos e netos. Nesse sentido, a inclinação para a escrita de Maria Lysia está atrelada à sua casa, numa influência direta da vida familiar.

Outro ponto relevante é que a Belo Horizonte de 1940 foi morada ideal para composição dessa família de intelectuais. Embora houvesse um complicado quadro político-econômico e o custo de vida na capital mineira fosse altíssimo, a modernidade e o investimento em cultura, saúde e educação foram marcas da década. A criação de novos centros de ensino como o Instituto de Educação, o Colégio Santa Maria, o Ginásio São José, a Escola Técnica Federal, a Universidade de Minas Gerais, entre tantos outros, propiciou a formação dos irmãos Corrêa de Araújo. Todos fizeram cursos superiores, exceto Maria Lysia que tinha alma liberta demais para a clausura e metodismo acadêmicos. Sobre sua formação em Belo Horizonte por volta de 1950, assim a escritora se expressou:

Sempre começando, parando, recomeçando, parando, recomeçando... Já entrei em inúmeros cursos, os mais diversos e de todos eu saía e voltava e não terminava. Era uma angústia, uma ansiedade que me dava de chegar depressa ao fim, então desanimava com o tempo grande pela frente. Na faculdade de Filosofia, ao invés de assistir às aulas do meu curso, sempre ia assistir às dos cursos mais adiantados, enfim, um tumulto dentro de mim (ARAÚJO apud CHRYSTUS, 1979).

Se a formação acadêmica era uma incerteza na vida de Maria Lysia, suas atividades profissionais como funcionária pública foram uma constante. Sem herança, mas privilegiados em cabeças, boa parte dos irmãos Corrêa de Araújo iniciaram suas carreiras através de concursos. O concurso do I.A.P.I. (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), atual INSS, foi fundamental para estabilizar a vida dos jovens estudantes da família. Tanto Lysia de Araújo como Laís Corrêa de Araújo e Leda de Araújo foram funcionárias do I.A.P.I. durante grande parte de suas vidas, ingressando em 1946 na carreira pública.

No percurso dessas existências tecidas nas letras, imagens da transformação da grande Belo Horizonte encontram em Maria Lysia o mesmo amargor drummondiano frente ao progresso. O medo de perder o céu azul e o horizonte de montanhas da Docecap residia na construção de arranha-céus, tema de algumas de suas crônicas: “a cidade do cimento armado num crescendo incessante, ninguém sabendo onde vai parar” (ARAÚJO, 1960). O

progresso aparece como um apagamento da superfície anterior na qual uma capital provinciana ainda se fazia conhecer pela proximidade de famílias, pelos passeios no Parque Municipal, pelas reuniões entre amigos; e cujo crescimento começa a distanciar as relações. Surge, em sua literatura, uma “Belo Horizonte das serras – nem todas se foram – dos quarteirões, de alguns casarões, das valas e não valas, dos consertos e concertos, dos acertos e desacertos, do Parque diminuindo e eternamente lindo” (ARAÚJO, 1980). Assim, o progresso condensa assim não apenas uma visão pessimista, mas também uma ainda possibilidade paradoxal de encanto que retornou posteriormente em sua literatura na crônica “Cantante e contrastante”, publicada em 7 de dezembro de 1980 no *Estado de Minas*. “Belo Horizonte do frio e do calor. Dos arranjos e desarrajos. Dos contrastes mil. Mas sempre Belo Horizonte. Dos lindos horizontes, hoje não tão nítidos, atrás dos edifícios” (ARAÚJO, 1980).

Já em seus textos da década de 1950, a imagem do tédio dos espaços interiores retorna nas horas mortas do serviço público: “Os processos, na minha mesa, riem da minha fraqueza, da impossibilidade de fazer o que quero – sair, ficar descalça, molhar-me toda na chuva que cheira adolescência” (ARAÚJO, 1954). Da rotina cansativa do funcionalismo público, emergia a ficção na qual a melancolia parecia tomar conta de tudo: “Há dias assim mesmo que não chova, as lembranças chegam com cheiro de chuva, de infância, de meninice” (ARAÚJO, 1954), e assim, seduzida pelas lembranças, a escritora deixava seu passado transbordar em sua literatura.

Até que veio a sedução pelo teatro. Da juventude e infância, “ficaram as pernas grossas e a vontade de ser artista não de cinema, mas de teatro...” (ARAÚJO, 1954). Foi com o amigo João Ceschiatti que Lysia de Araújo deu seus primeiros passos na carreira teatral. Em 1954, a jovem atriz muda-se para São Paulo e vive um período de 11 anos na capital paulista que estiveram entre os mais ricos de sua formação como atriz. Entretanto, ao lado da aprendizagem e das apresentações teatrais de extrema importância no painel cultural da época, a capital paulista foi espaço da solidão e da saudade de seus familiares. Em meio a uma cidade que lhe causava paradoxalmente alegria e melancolia, o desejo pela formação teatral e pequenas imagens do cotidiano são espaços de expressão da liberdade e da esperança. Em crônica de dezembro de 1957, assim reporta-se a escritora ao sugestivo som de cantos de pássaros no turbilhão da cidade grande: “há quanto tempo não ouço esse canto, meu Deus! Eu o deixei

na minha terra, na minha casa, nas crianças. Obrigada, insônia, que me fez descobrir poesia mesmo aqui, entre viadutos e arranha-céus” (ARAÚJO, 1957c).

Ao chegar a São Paulo, a literatura será para Maria Lysia seu refúgio e, por outro lado, espaço onde transita com facilidade. A geografia da grande cidade novamente insinua-se em sua literatura nos sentimentos de angústia frente ao progresso. O crescimento de prédios cada vez mais altos faz sumirem os horizontes. Assim, Maria Lysia escreve na crônica *Nesga de céu* publicada na *Revista Alterosa* em 1º de novembro de 1959: “da janela se vê, à direita, um pedaço do nosso próprio edifício, mais para o lado, outro; bem na frente o grande marcador de horas do ‘Estado de São Paulo’ e, à esquerda, mais outro edifício” (ARAÚJO, 1959a). Esse labirinto de arranha-céus permite pouco espaço para a vida, “deixando apenas uma nesga de céu, na maioria das vezes com aquele cinzento triste de morto” (ARAÚJO, 1959). Ainda insistente, a cronista volta novamente o olhar para janela e, com medo, percebe que ainda há “espaço para novo edifício” (ARAÚJO, 1959a), que então tiraria definitivamente todos os panoramas observáveis. A escritora, nas linhas de sua crônica, traz angustiado pedido: “Não, não nesse espaço, senhores, que ficaremos sem aquela nesga cinza dando ainda ilusão de horizonte” (ARAÚJO, 1959a). E desfecha: “em todas as direções edifícios, edifícios. Já são tantos e nos sufocam. Permitam-nos desejar aquela nesga de céu” (ARAÚJO, 1959a). Maria Lysia intensifica seu clamor ao voltar-se para aqueles que não sabem construir edifícios e usam a palavra como matéria-prima para a produção desses “anjos, pequenos anjos de asas leves” que são os textos literários.

Através da literatura, Maria Lysia encontra seu espaço de fuga, sua “nesga de céu” em meio ao turbilhão da cidade grande. E tem sucesso nesse empreendimento. Esse aspecto é especialmente comprovado pela habilidade da escritora na arte de narrar e, sem dúvidas, a crônica e o conto são gêneros importantes dentro de sua literatura. Grande parte de sua obra literária foi premiada por concursos diversos em várias partes do país. A premiação da crônica “Inglúvias” no Prêmio José Lins do Rego, em 1958, foi seguida pela publicação do texto no *Diário de Minas* em 9 de novembro de 1958, com ostensivos elogios à escritora: “com o passar dos meses, a moça belorizontina foi se afirmando como uma das mais notáveis vocações jovens para o gênero curto, podendo hoje ser considerada melhor que muito medalhão, que anda por

aí.”⁶ Humberto Matos, organizador do prêmio “José Lins do Rêgo”, arremata a crítica do jornal mineiro, escrevendo que “leveza, inteligência, arte enfim, fazem deste trabalho sobre uma palavra, uma esperança para a crônica jovem do Brasil” (MATOS, 1958). Os diversos periódicos que publicavam esses textos foram instrumentos fundamentais para a divulgação de textos de autoria feminina no Brasil. Novamente, nas palavras de Constância Lima Duarte, é significativo registrar:

o importante papel que estes jornais desempenharam, cada qual em seu tempo e em suas cidades, na formação de consciências e como testemunhas das transformações ocorridas na vida das mulheres brasileiras. Tais publicações estimularam e disseminaram as novas ideias a respeito das potencialidades femininas e criaram condições para que as mulheres alargassem seus horizontes e pudessem vislumbrar a utopia feminista de um mundo igualitário (DUARTE, 1999, p. 434).

Além disso, os periódicos referendavam esses novos talentos pelas vozes de outros escritores. Como é o caso do escritor Menotti del Picchia que irá referenciar Maria Lysia em sua pequena coluna no jornal *A Gazeta*. Ao elucidar o trabalho lúdico de escrita no texto “Palavras cruzadas”, ele tece o seguinte comentário: “Sobre o mesmo tema li numa revista mineira uma graciosa crônica de nossa patricinha Maria Lysia Corrêa de Araújo, que peço permissão para transcrever [...]” (PICCHIA, s.d.). É interessante observar que toda a crônica é citada por Picchia, claramente, encantado pela qualidade do texto literário da escritora e pela sua habilidade em traduzir uma temática simples em uma reflexão delicada e profunda.

Nas distâncias a vencer entre Minas Gerais e São Paulo, especialmente pela saudade que sente da família, a escritora constituiu em imagens de cartas e telefonemas a matéria da saudade em suas crônicas. Em “Cabines telefônicas”, publicada em *O Cruzeiro* em 23 de março de 1957, assim a escritora se refere ao aspecto cotidiano da comunicação entre as pessoas: “um céu cinzento nos obriga a telefonar para distâncias, escutar vozes queridas, chorar de alegria porque tudo continua, embora uma voz perdida. Para sempre” (ARAÚJO, 1957a). Antes de encontrar as vozes perdidas na saudade, “se fica esperando a vez, o movimento é enorme, as telefonistas pacientes e amáveis, sorrindo sempre” (ARAÚJO, 1957a). Durante a espera, a observação atenta do que a rodeia: o jovem a acalmar a mãe; o senhor a desculpar-se com a esposa,

⁶ Recorte de jornal presente no Acervo Lysia de Araújo, sem indicação de autoria. Indicação do periódico manuscrita: *Diário de Minas*, 9 nov. 1958.

alegando viagem a negócios, mas acompanhado da amante; um pai de família derrotado pelos salários atrasados; duas japonesinhas chorosas, enfim, “um mundo de gente, sentimentos, problemas, mistérios, vida” (ARAÚJO, 1957a). Nessa expectativa, “vai-se criando romance, novela, história melodramática, “amexicanizam-se” existências” (ARAÚJO, 1957a). A prosa fluente ilumina imagens que fundem vida e literatura, num processo subjetivo que entretece vida e ficção: “quando chega a vez da gente, e que se chora de alegria porque se escutam as vozes queridas, também outrem, lá fora, estará imaginando coisas, fazendo das lágrimas de alegria um drama pungente, absurdo” (ARAÚJO, 1957a).

Entre a saudade da família em Belo Horizonte e a vida artístico-libertária de São Paulo, Maria Lysia se equilibra nas fronteiras de uma vida em trânsito. Talvez, por isso, a temática da viagem, da estrada, do traslado de um estado a outro também tenha sido outra constante em sua literatura. Duas crônicas com esse conteúdo elucidam esse ponto: “Quilômetro 108-Cipó”, publicada no *Diário de Minas* em 12 de fevereiro de 1958 (em que descreve as belezas da Serra do Cipó em Minas) e “Elas ainda existem”, publicada na *Revista Alterosa* em 1º de junho do mesmo ano (apontamentos narrativo-poéticos acerca das cidades do interior mineiro).

Os textos da escritora apresentam “estares” no mundo que condensam sempre um limiar, uma passagem. A própria construção do si se dá também a partir do outro, da observação do outro e da percepção da proximidade entre os universos subjetivos em contraposição à amplidão dos espaços exteriores. Mais do que isso, há uma preocupação com o cuidar das ruas e dos espaços coletivos como praças e parques. Na crônica “O nosso Trianon”, publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 20 de março de 1959, a escritora saiu em defesa do Parque Siqueira Campos, contra as construções de concreto-armado. Para Maria Lysia, esses eram espaços da liberdade que deveriam ser preservados apenas à paz e ao lazer. Também no texto “Rua São Bento, domingo”⁷, a nostalgia da rua em sua quietude dominical vira matéria de crônica à *flâneur*:

É triste e boa a rua no seu descanso de domingo, embora um pouco assustadora. Nós nos tornamos intrusos, atravessando-a. Devia ser proibido passar por ali nos domingos e feriados. Deixá-la repousar. Longe nossos pesados pés, nossas vozes altas, nossas corridas inúteis. Longe nossos olhos ávidos nas suas vitrinas impossíveis. Pelo menos, uma vez por semana, também, certas ruas deviam ter o

⁷ Esta crônica foi publicada em 1959 em dois periódicos diferentes: *O Estado de São Paulo* em 18 de junho e na *Revista Alterosa* em 15 de outubro.

seu direito de quietude, de paz. Escolhamos outras e deixemos a São Bento no seu sono dominical (ARAÚJO, 1959b).

Perscrutar as ruas percorridas por Lysia de Araújo no decorrer de sua vida seria experimentar, pelo exercício imaginativo, ruas nas quais seus passos incansavelmente elaboraram mapas pessoais. Em cada cidade habitada, ações cotidianas como o caminhar para o trabalho e/ou para os ensaios teatrais riscavam a geografia das cidades composta por ruas, prédios, pontos de ônibus, cinemas, padarias, farmácias, bares, cafés, livrarias. Por outro lado, nos espaços de reclusão, como seu apartamento, os horizontes tendem a ficar mais condensados. Assim, as crônicas da escritora enriquecem as imagens do cotidiano das grandes cidades tanto em seus espaços abertos, quanto nos contidos planos de pequenos cômodos das habitações. No contingenciamento ao qual foi exposta, Maria Lysia desenha nos espaços do apartamento, os objetos de sua existência, em momentos nos quais “tem-se de ficar só, pensando, revendo coisas não mais possíveis. Roupas quietas, livros, telegramas tristes, chave com fita roxa” (ARAÚJO, 1957b).

A retração dos espaços interiores pode ser sentida de maneira ainda mais intensa em texto de 1962, quando a escritora publica na *Revista Alterosa* a crônica “Um homem se sentiu só” na qual o personagem principal, atormentado pela solidão, suicida-se. “Não soube vencer aquela ‘hora melancólica, hora difícil’ que todos nós temos” (ARAÚJO, 1962). Maria Lysia retoma de maneira interessante uma temática presente em sua literatura: a solidão e sua consequência mais fatal – a morte. A escritora atribui esse sentimento e a fatalidade que dele advém ao egoísmo crescente de uma sociedade cada vez mais individualista. A escritora assim desvela o tema na referida crônica de 1962:

Tenho visto pessoas se matarem por falta de dinheiro, jogo, amor, muitas outras coisas, mas por uma solidão confessada é a primeira vez. Um sentimento sufocante toma conta da gente e nos sentimos culpados. Estamos sempre tanto dentro de nós mesmos, vivemos sempre tão voltados para as nossas próprias vozes, nossos próprios gestos, que não conseguimos estender as mãos senão para nós mesmos ou, quando muito, para os de muito perto. Possuímos uma permanente auréola de egoísmo, nada mais (ARAÚJO, 1962).

No entanto, a postura da autora em relação à solidão em outros textos é positiva, há uma busca por moldar-se a essa contingência, aceitá-la como encontro inevitável. Aqueles que perdem pessoas no decorrer da vida acabam

vivendo com mais intensidade a sua parcela de solidão. Como escreveu Maria Lysia, “Chega um tempo em que se diz prosaicamente: ‘E daí?’ Isto é solidão. É fatal. O que é preciso não é esforçar-se em jogá-la fora, extirpá-la, porque não adianta mesmo” (ARAÚJO, s.d.). A escritora aponta como único caminho a resignação: “O que é preciso é saber estar com ela, rodeada de mil maneiras, cobri-la, disfarçá-la. O mal é que poucos sabem que o necessário é um treino rígido, constante, é preciso suportá-la e ficar firme” (ARAÚJO, s.d.).

Uma imagem final fecha estas considerações sobre as crônicas da escritora. Uma das últimas escritas em terras paulistas, publicada em 1º de julho de 1965, a crônica “Chuva” traz uma das imagens exploradas por Maria Lysia em seus textos. Na chamada “terra da garoa”, o céu cinzento e as primeiras gotas anunciavam as lembranças, a nostalgia da infância e uma saudade. Escreve Maria Lysia: “Ela chegou, embora todos tivessem perdido a esperança. Jogou-se nas pedras e nas árvores. Nas casas e nas igrejas. Deu-se puramente a tudo. Posso até jurar que vi um sorriso nas rosas do meu jardim. E a alegria foi tanta, que pulei a janela” (ARAÚJO, 1965). A cronista, envolta na tempestade de memórias, torna-se novamente criança e convida o leitor: “Vamos, meu amigo, andar na enxurrada, ouvir sinos, esquecer amores e apanhar rosas molhadas?” (ARAÚJO, 1965). A narrativa poética é convite à fuga daquele cotidiano maçante ao realçar a beleza presente nas pequenas delicadezas na vida.

Essas crônicas, “anjos de asas leves”, mas de reflexão profunda, representam uma ótica sobre a sociedade em que viveu através de uma literatura produzida pela sensibilidade da escritora. Fausto Cunha, na orelha da edição de *Boca de Luar* de Carlos Drummond de Andrade, construiu a seguinte metáfora sobre o gênero: “a crônica é uma borboleta fugaz” (CUNHA, 1985); estaria, portanto, sujeita à efemeridade do tempo. Há, dessa forma, na crônica, uma substância de dois movimentos: um ligado às ações no tempo - a crônica percorre a vida acontecendo naquele instante. Somos transportados a atmosferas, mais que atmosferas, intimidades do olhar do escritor. O segundo movimento é direcionado ao leitor, como convite ao compartilhamento dessas imagens de épocas e lugares. Maria Lysia Corrêa de Araújo soube utilizar de maneira eficaz esses dois movimentos em suas crônicas. E, nesse sentido, sua literatura foi, além de uma escrita de espaços e tempos, um convite para o conhecimento de uma vida.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Teórica

- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Depoimento. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Laís Corrêa de Araújo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, p. 27-33.
- ÁVILA, Myriam. Lembrando Maria Lysia. Texto de abertura do IV Colóquio Mulheres em Letras, UFMG, 2012.
- CUNHA, Fausto. Orelha do livro. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boca de Luar*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- DUARTE, Constância Lima. A mulher e o jornalismo contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia M. Von Atzingen Venturoli (Org.). *Mulher: cinco séculos de desenvolvimento na América Latina*. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p. 424-434.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 401-442.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras, p. 408. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 401-442.
- WOOLF, Virginia. Mulher e ficção. In: *O valor do riso e outros ensaios*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Acervo Maria Lysia Corrêa de Araújo

Correspondências

Carta de Josefina Rios de Araújo à amiga Mariquinhas em 15 de julho de 1928. Acer

Recortes de jornal: *Fortuna Crítica*

CRYSTUS, Miriam. Maria Lysia: estórias de solidão (Artigo e Entrevista). In: *Jornal de Casa*, 7 jan. 1979.

MATOS, Humberto. Inglúvia. In: *Diário de Minas*, 9 nov. 1958.

PICCHIA, Menotti del. Palavras Cruzadas. In: *A Gazeta*, s.d.

Recortes de Jornal: *Crônicas*

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Cabines Telefônicas. In: *O cruzeiro*, 23 mar. 1957a.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Cantante e contrastante. In: *Estado de Minas*, 7 dez. 1980.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Chuva. In: *Revista Alterosa*, 1º jul. 1965.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Docecap. In: *Revista Alterosa*, ago. 1960.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. É bom voltar. In: *Revista Alterosa*, 1º jun. 1957a.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Nesga de céu. In: *Revista Alterosa*, 1º jan. 1959a.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. O Sol. In: *O Cruzeiro*, 17 mar. 1956.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Pássaros no asfalto. In: *Revista Alterosa*, 1º dez. 1957b.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Rua São Bento, domingo. In: *O Estado de São Paulo*, 18 jun. 1959b.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Treino para a solidão. In: *Diário de Minas*, s.d.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Um homem se sentiu só. In: *Revista Alterosa*, fev. 1962.

ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. Vida. In: *O Cruzeiro*, 30 jan. 1954.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 13/05/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15/06/2018.